



ARGUMENTAÇÃO EM RECONTOS DE LENDAS AFRICANAS DE ALUNOS DE SÉRIES INICIAIS DO ENSINO FUNDAMENTAL

Autor (1) Alves Maria Veridiana Franco
Co-autor (1) Alves Maria Leidiana

- 1- *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN*
veridiana_alves2011@yahoo.com.br
- 2- *Universidade do Estado do Rio Grande do Norte - UERN*
leidiana_alves2007@yahoo.com.br

RESUMO: Dado o caráter constitutivo da argumentação nos mais diversos modos de comunicação, no espaço escolar convém investigar sua presença, dar ouvidos à criança e perceber como ela dialoga no processo de ensino, especificamente no tocante à oralidade. Partindo desse pressuposto, objetivamos analisar aspectos do processo argumentativo mobilizados durante o relato de histórias infantis por alunos de anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender como a criança argumenta e (re)constrói as narrativas e o papel do mediador/auditório imediato nesse processo. Nossa pesquisa classifica-se como uma pesquisa de campo de natureza qualitativa. Quanto ao método trata-se do dedutivo, pois partimos de algo mais geral que é o estudo da argumentação na oralidade e declina para o caso particular aplicado ao corpus definido. Para tanto, compartilhamos dos apanhados teóricos de autores da argumentação: Perelman e Tyteca (1996); Reboul (2004); Abreu (2006) e da oralidade nos apoiaremos nos estudos de Belintane (2006, 2013). O corpus é constituído de dois recontos da lenda africana Jabulani e o Leão, de alunos do 3º ano do ensino fundamental, de uma Escola Municipal, do interior do estado do Rio Grande do Norte. Pudemos observar que em seus recontos os alunos fizeram uso de argumentos como: argumento da incompatibilidade, da retorsão e argumento pragmático. Os recursos de presença utilizados pelos informantes dizem respeito à presença de novos personagens, suspenses enquanto recontam e elementos estruturais já conhecidos dos contos de fadas para iniciar e finalizar a história. O estudo com os recontos nos mostrou como a argumentação perpassa a construção de sentidos na oralidade de crianças em processo de alfabetização e, ainda, como a mediação é importante, ou seja, o diálogo com o orador, no processo de ensino aprendizagem.

PALAVRAS-CHAVE: Argumentação no discurso. Lenda africana. Reconto. Técnicas argumentativas. Recursos de presença.

Introdução

A argumentação está presente em todo ato comunicativo entre sujeitos atuantes em sociedade, sendo, portanto, primordial no gerenciamento das relações de um modo mais geral. Em alguns casos, a argumentação se dá de forma mais cuidadosa e exige um conhecimento mais aplicado e a escolha de bons argumentos, quando a intenção é convencer e/ou persuadir outros sujeitos.

A oralidade também é outra discussão pertinente quando tratamos de relações comunicativas, por exemplo, no espaço escolar tem conquistado um destaque considerável ao longo do tempo, uma vez que, ela está cada vez mais presente no contexto de sala de aula, pois os educadores entendem a sua contribuição para a aquisição da leitura e da escrita

Por compreender a importância do trabalho com a oralidade em sala de aula, é que buscamos ao longo desta discussão destacá-la num contexto escolar, ou seja, mostrando que é possível incluir essa modalidade nas atividades de ensino, mostraremos, portanto, uma experiência do trabalho desenvolvido em sala. Sendo assim, nosso objetivo é analisar as estratégias argumentativas mobilizadas durante o relato de lendas africanas por alunos de anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender como a criança argumenta e (re)constrói as narrativas.

Nesse sentido, o foco de nossa discussão será na oralidade de crianças do 3º ano do ensino fundamental de nove anos, cujos informantes participaram da pesquisa *O desafio de ensinar a leitura e a escrita no contexto do ensino fundamental de nove anos*, doravante (OBEDUC, 2011-2014). A pesquisa visava o acompanhamento de crianças do 1º ao 4º ano, com o principal objetivo de acompanhar o processo de aprendizagem quanto à leitura, escrita e oralidade dos alunos participantes. A pesquisa tinha como metodologia de aplicação, os diagnósticos (atividades elaboradas pelos bolsistas participantes, para avaliar em que nível encontra-se a turma), e ainda, seleção de quantos alunos mostram carência na aprendizagem. A oralidade diz respeito aos relatos feitos por essas crianças num momento após uma contação de história como atividade de sala.

Nesse aspecto a nossa pesquisa classifica-se como uma pesquisa de campo de natureza qualitativa, fazendo-se necessária uma intervenção em certos momentos em que a criança conta sua versão da narrativa trabalhada. O nosso *corpus* é composto de dois relatos, produzidos por dois alunos do 3º ano do Ensino Fundamental, referentes à contação da lenda africana intitulada Jabulani e o Leão. A escolha dos

recontos deu-se considerando os níveis de aprendizagem dos alunos que recebiam atendimento pelo projeto OBEDUC, por apresentarem dificuldades quanto à leitura e a escrita, o que por sua vez, implica no desempenho no que diz respeito à oralidade.

Em face do material que compõe o nosso *corpus* de pesquisa a saber: recontos gravados e transcritos de alunos do 3ª ano do ensino fundamental menor, é presumível dizer, no que se refere ao método de pesquisa, que nosso trabalho corresponde ao método dedutivo, pois parte de algo mais geral que é o estudo da argumentação na oralidade e declina para o caso particular, aplicando-o aos dados sobre informantes específicos que constituem o banco de dados do projeto OBEDUC.

Para a sistematização desta pesquisa utilizamos o apoio teórico dos seguintes autores: quanto à argumentação; Perelman e Tyteca (1996); Perelman e Tyteca (2005), Reboul (2004); Abreu (2006) e Fontana (2006). No que tange ao tratamento da oralidade, trabalharemos com o autor Belintane (2013) e Belintane (2006). Com a contribuição dos referidos autores, inicialmente, faremos uma abordagem acerca da noção da argumentação, auditório, técnicas argumentativas e recursos de presença. Mais adiante, ancorados nos dizeres de Belintane (2006) e Belintane (2013) versaremos sobre o tratamento da oralidade.

Assim, inicialmente, trazemos a discussão teórica acerca da argumentação, em seguida, trazemos a oralidade como ferramenta necessária em sala de aula. Por fim, trazemos a análise do *corpus*, seguida das considerações finais.

2. A argumentação

A história da argumentação tem início na Grécia antiga, por volta do século V e IV A.C., porém, pode-se encontrar a retórica entre hindus, chineses, egípcios e ainda hebreus. A palavra retórica provém da laicização do discurso e do processo da laicização das relações sociais, das instituições políticas na sociedade antiga, originando assim o surgimento da palavra retórica, em oposição às palavras *mágica* e *ritual*. A retórica atuava com instrumentos políticos e linguísticos, sendo necessário ter um conhecimento suficiente no que se refere à escrita e, um discurso dominante capaz de convencer o outro.

Pode-se dizer também que os sofistas criaram uma retórica com valor persuasivo, e ainda, os primeiros traços da gramática, bem como a disposição do discurso. Com isso, vemos que o sentido da persuasão está colocado de forma exposta nesta ideia sofística, pois, para que haja uma persuasão é necessário uma discussão com

pensamentos diferenciados. Reportando-se a persuasão em torno do discurso de acordo com a lógica da sofística, vejamos o que nos diz Reboul (2004, p. 10) sobre a arte de convencer o outro sujeito:

O discurso não pode mais pretender ser verdadeiro, nem mesmo verossímil, só poderia ser eficaz, em outras palavras, próprio para convencer, que no caso equivale a vencer, a deixar o interlocutor sem réplica. A finalidade dessa retórica não é encontrar o verdadeiro, mas dominar através da palavra; ela já não está devotada ao saber, mas sim ao poder.

Com isso, vemos que para se conseguir a persuasão exige-se uma dominação do argumento, ou seja, uma validade capaz de minimizar o discurso do outro sujeito, e assim ganhar poder e confiança. Assim, a persuasão difere-se do convencimento que apesar de apresentar veracidade no discurso, não é possível a persuasão, uma vez que, nesta exige-se argumentos com mais valor e poder.

Já na nova retórica, Perelman e Tyteca durante o fim da década de 50 do século XX marcaram os estudos do Tratado da Argumentação, trazendo discussões como as técnicas argumentativas e o auditório; se apoiando numa reflexão sobre o funcionamento dos argumentos nos discursos com fins persuasivos, e a presença de técnicas com o mesmo objetivo.

Perelman e Tyteca (1996) nos dizem que é preciso adequar o nosso discurso de acordo com o auditório, pois, sabendo qual o tipo deste, temos capacidade de elaborar um discurso que atenda a tal público. Além disso, Perelman distingue a arte de convencer e persuadir de acordo com o auditório, que denomina de auditório universal e auditório particular. Fica assim entendido que um argumento verídico de cunho universal convence seu auditório, o que por sua vez, difere-se do auditório particular em que os argumentos destinam-se a um público mais específico, resultando dessa forma na persuasão.

No tocante ao auditório, é proeminente dizer que deve haver uma correlação entre o sujeito orador e este, pois, os argumentos devem condizer com o auditório, ou seja, cada tipo exige um determinado tratamento e argumentos diferenciados que deem valor ao que é proferido pelo sujeito. Assim, o contato entre o orador e o auditório é de extrema importância para o cumprimento da atividade comunicativa que se pretende. Vejamos o que nos diz Perelman e Tyteca (1996, p. 21) sobre esses dois elementos fundamentais presentes na argumentação.

Esse contato entre orador e seu auditório não concerne unicamente às condições prévias da argumentação: é essencial também para todo o desenvolvimento dela. Com efeito, como a argumentação visa obter a adesão daqueles a quem se dirige, ela é, por inteiro, relativa ao auditório que procura influenciar.

Com isso, vemos que a argumentação precisa indispensavelmente do orador e do auditório para que se realize. Em alguns casos, essa realização acontece com a persuasão de outros sujeitos que passam, portanto, a agir e pensar da maneira que desejamos.

No que se refere ao auditório universal podemos dizer, segundo Perelman e Tyteca (1996), que o orador quando se adapta ao modo de quem ouve sua palavra, se arrisca apoiando-se em teses estranhas, ou opostas, que naquele momento ele está interagindo. Esse risco diz respeito ao auditório heterogêneo, quando assim o é, pois, em alguns casos faz-se necessário o orador desfazer seus argumentos já elaborados, pois, sendo caracterizado como heterogêneo o auditório mostrará diversas opiniões e conceitos que poderão ser contrariados.

Podemos dizer, com isso, que o auditório universal atende a um grupo maior, com variadas paixões e contextos, o que por sua vez, configura-se num auditório heterogêneo. Assim, para que o convencimento ou a persuasão aconteçam é necessário que o orador se adapte ao auditório a quem ele profere os argumentos.

2.1 As técnicas argumentativas

As técnicas argumentativas se constituem como uma ligação entre as teses iniciais e a tese principal, dividindo-se em dois grupos distintos que são eles: os argumentos quase lógicos e os argumentos fundamentados na estrutura do real. No que rege os argumentos quase lógicos encontramos a compatibilidade e incompatibilidade; regra de justiça; retorsão; ridículo e definição, dentre outros. Já nos argumentos fundamentados na estrutura do real encontramos o argumento pragmático; argumento do desperdício, argumento pelo exemplo; argumentação pelo modelo ou pelo antimodelo; argumentação pela analogia. O argumento da compatibilidade e da incompatibilidade procura demonstrar que a tese inicial, pode ser incompatível ou compatível com a tese principal. Segundo Abreu (2006) esses argumentos recebem esses nomes porque algumas incompatibilidades não dependem de aspectos formais, mas sim das interpretações feitas pelos humanos.

Os argumentos baseados na estrutura do real dizem respeito basicamente à ligação entre os pontos de vistas ou opiniões formadas relativas a

eles, e não a uma descrição com caráter objetivo. Os principais argumentos baseados na estrutura do real são cinco e são assim chamados: argumento pragmático, argumento do desperdício, argumentação pelo exemplo e argumento pela analogia. Tais argumentos são recorrentes quando o orador busca apoio não na lógica, mas no real, na relação entre os fatos e os juízos que se admitem ou se buscam admitir.

2.3 Os recursos de presença

No que planeia os argumentos, é preciso que o orador utilize em sua oratória técnicas e alguns recursos de presença, pois dará veracidade e confiança ao que está sendo proferido, além disso, os recursos de presença têm por finalidade ilustrar o discurso. Abreu (2006, p. 68) nos diz que: “os recursos de presença são, pois, procedimentos que têm por objetivo ilustrar a tese que queremos defender”. Com isso, ele nos diz que os recursos de presença se fazem constantes também em nosso cotidiano, e dão um valor diferenciado ao discurso, bem como o efeito que ele causa no auditório.

No que concerne aos recursos de presença, ou seja, os recursos que ilustram o discurso proferido, é proeminente mencionar o que Perelman e Tyteca chamam de figuras de comunhão, cuja expressão diz respeito à preocupação do orador em fazer com que o auditório participe do discurso. Atentemos para o que nos dizem Perelman e Tyteca (2005, p. 201-202)

As figuras de comunhão são aquelas em que, mediante procedimentos literários, o orador empenha-se em criar ou confirmar a comunhão com o auditório [...] A comunhão cresce igualmente por meio de todas as figuras pelas quais o orador se empenha em fazer o auditório participar ativamente de sua exposição, atacando-o, solicitando-lhe ajuda, assimilando-se a ele. A apóstrofe, a interrogação oratória, que não visa nem a informar-se, nem a assegurar um acordo, são em geral figuras de comunhão.

De acordo com a visão dos autores, cabe ao orador instigar a efetiva participação do auditório no discurso que é proferido, seja com exposição de novas ou contrárias ideias, com acréscimos de informações ou com perguntas que podem resultar com isso numa interação valiosa na comunicação entre orador e auditório.

3. A oralidade entre a leitura e a escrita

O tratamento da oralidade na sala de aula tem ganhado cada vez mais espaço, por entender-se que ela é tão importante quanto a leitura e a escrita. Antes o tratamento da leitura e da escrita mostrava-se distinto em relação a oralidade, estas eram vistas com superioridade e com maior importância, já a oralidade não tinha tamanha abertura para fazer parte dos planos diários de sala de aula.

No entanto, observa-se que a oralidade tem relevância no trabalho com a heterogeneidade de sala, sendo interessante o educador usar essas particularidades, singularidades da criança, ou seja, o que ela traz de seu mundo fora da escola, em seu manejo pedagógico. Deve-se pensar ainda na importância do trabalho com textos oriundos do cotidiano, pois, o aluno já traz consigo conhecimentos adquiridos fora do espaço escolar, e adequando esses conhecimentos às práticas de sala de aula a criança terá uma maior facilidade na realização de suas tarefas. É com o olhar voltado para tal questão que Belintane (2006, p.274) nos diz que: “devemos partir do uso de textos integrais de sua cultura, sobretudo aqueles gêneros que parecem ter sido especialmente preparados pela cultura para que a criança possa brincar com a desmontagem de palavras”. Sendo assim, a criança terá a oportunidade de abarcar novos conhecimentos e brincar com jogos de palavras, contribuindo também para instigar a corporeidade.

Ainda reportando-se ao tratamento da oralidade como dobradiça entre leitura e escrita, Belintane (2006, p. 274) nos diz que: “Os textos de origem oral permitem estratégias excelentes de alfabetização e de engajamento subjetivo no universo da leitura”. Com isso, é oportuno dizer que a oralidade desempenha um papel determinante para o processo de aquisição da leitura e da escrita, além disso, o trabalho com a oralidade é amplo e diversificado, o que dá espaço para o docente refazer sua prática de sala de aula.

Pensando que a aquisição da leitura e da escrita por parte da criança se dá de forma mais fácil com a oralidade é que Belintane (2013, p. 42) nos alerta que: “cada gênero originário da cultura oral, desde que retomado em sua performance oral, traz importantes elementos estéticos e linguageiros que favorecem a alfabetização e a leitura significativa”. A partir do que nos orienta Belintane, esses textos orais são vistos como uma base para a leitura e para a escrita, vindo posteriormente a ser uma expressão da língua. Além disso, é importante destacar que cada gênero pede um tipo de leitura específica, por exemplo, a maneira que lemos uma parlenda ou poesia, não pode ser a mesma que lemos um conto, é preciso adequar a maneira ao tipo de texto. Ainda é possível dizer também que esses tipos de textos ajudam na memorização da criança, o que influencia em sua escrita,

pois, este aluno começa a entrar em contato com o outro lado da escrita, aquela escrita que é primeiramente ouvida. Com isso, podemos dizer que essa escrita será uma escrita dinâmica que traz aspectos da infância para a prática escolar, e não somente aquela escrita exigida pela escola para cumprir tarefas, muitas vezes desconhecidos pelo aluno o contexto e a origem daquele exercício.

3. Análise dos Dados

Nosso objetivo, a partir dos recontos escolhidos é analisar as estratégias argumentativas mobilizadas durante o reconto de histórias infantis de anos iniciais do Ensino Fundamental, buscando compreender como a criança argumenta e (re)constrói as narrativas, e ainda, identificar as técnicas argumentativas utilizadas pelos informantes.

A história aqui recontada pelas crianças foi contada em sala pelo professor, trata-se de uma lenda africana intitulada Jabulani e o Leão que conta a narrativa de um garotinho que após salvar um leão de sua armadilha, ficou correndo o risco de ser devorado o que lhe levou a fazer uma pesquisa com os outros animais para saber se ele merecia ser devorado pelo leão após tê-lo salvo. Vale dizer que retiramos o aluno do ambiente de sala de aula e levamos até outro espaço da escola para que o reconto pudesse ser feito. Observemos o reconto abaixo.

Reconto 1.

Mediador: Cleiton, por favor, me conte a história de jabulani e o leão.

Aluno-AC: Era uma vez um menino jabulani estava passiano pela floresta, e escutou um animal chorando socorro socorro! foi olhar era um leão. Ele disse: o que foi leão? Me os caçadores me prenderam me solte; quem garante que você não vá me comer depois de eu te soltar? eu não eu não te como eu juro. Jabulani teve coragem soltou o leão, e o leão se preparou para agarrar o menino para engoli-lo, mais o leão estava com muita sede ele chamou o menino para ir para o lago, e disse menino eu vou beber água para depois te engolir ce jabulani disse, você não pode me engolir você prometeu promessa é promessa é .. ele foi beber água se preparou para agarrar, e jabulani disse: calma vamos fazer um trato, vamos procurar outros animais e vamos dizer vamos perguntar o que tá certo eu ou você, eles foram procurar encontrou um burrinho, será que esse burrinho vai dá a resposta certa? Eles perguntaram: buurrinho é, você...você qual dos dois estão mais certo eu o soltei ele agora quer me comer? O burrinho disse que o mais certo era o leão, que trato é trato, aí jabulani disse: não calma vamos procurar outros animais; é depois eles encontraram a vaca a vaca deu a mesma resposta do burrinho, depois foram atrás ... atrás do que mermo eles acharam a foca, vou dizer a foca né, uma foca, a foca a

meesma resposta....esqueci... tia posso ir pegar o papel pá me lembrar como é? jabulani..

Mediador: E aí depois da vaca ?

Aluno- AC: Eu acho que foi uma foca.

Mediador: Depois da foca?

Aluno- AC: Num sei esqueci da história,

Mediador: Quais foram as respostas que os animais deram a jabulani e o leão?

Aluno- AC: Que o leão podia comê-lo.

Mediador: E aí o jabulani foi engolido pelo leão?

Aluno- AC: Não o jabulani

Mediador: E o quê que aconteceu prá ele não ser engolido?

Aluno- AC: Ele enganou o leão.

Mediador: Como que ele enganou?

Aluno- AC:..... é ixe esqueci

Mediador: O que foi que ele fez prá enganar o leão?

Aluno- AC: Não sei.

Mediador: E o leão caiu na armadilha?

Aluno- AC: Caiu.

Mediador: E o que foi essa armadilha?

Aluno- AC: A armadilha que o leão já tava preso, ele colocou de volta e assim o leão caiu nela, e foi preso novamente.

Mediador: pronto?

Aluno- AC: E jabulani voltou para casa e viveu feliz para sempre. Aaai.

No reconto acima, percebemos o que Perelman e Tyteca (1996) destacam sobre a preocupação do orador com o auditório no processo argumentativo, uma vez que a criança tem uma certa preocupação em lembrar a ordem de fala de cada personagem, porém, em certos momentos ela mistura as vozes do leão e de Jabulani, o que dificulta para o leitor entender o verdadeiro discurso entre os dois. Ao longo do reconto, é possível perceber um certo suspense para saber a opinião do burro em relação à pergunta do leão, cujo objetivo era comer o Jabulani. Este suspense, que aqui foi citado, encontra-se no seguinte trecho: “*vamos procurar outros animais e vamos dizer vamos perguntar o que tá certo eu ou você, eles foram procurar encontrou um burrinho, será que esse burrinho vai dá a resposta certa*”? Neste momento, o aluno/orador causa uma expectativa no

mediador em saber a decisão tomada pelo animal, principalmente, por fazer uso de uma entonação correta para tal efeito. Esse efeito pode ser visto como uma estratégia argumentativa, e como um recurso de presença, pois, o aluno chama a atenção de seu auditório particular, representado pelo mediador em seu reconto, ou seja, ele instiga quem ouve/ler sua narrativa a participar desta, a fim de querer saber o que virá depois, uma vez que a pergunta fica solta, possibilitando ao leitor/auditório imaginar o que teria de fato acontecido.

No reconto aqui visto, é possível perceber que a criança utilizou alguns recursos de presença, por exemplo, a foca, em alguns momentos o aluno tenta lembrar e pergunta para si mesmo qual o próximo animal, após alguns minutos ele diz que é a foca, vejamos esse trecho: *“depois foram atrás ... atrás do que mermo? eles acharam a foca, vou dizer a foca né, uma foca, a foca a meesma resposta”*, porém, no conto trabalhado em sala pela professora e pelas bolsistas não aparece o animal por ele citado. Ele ainda sente dúvidas em relação a entrada da foca em sua narrativa e argumenta sobre a utilização de um apoio nesta atividade, por exemplo, a folha com a história escrita, esta passagem está nessa parte de seu reconto: *“esqueci... tia posso ir pegar o papel pá me lembrar como é? jabulani..”*. A partir deste momento a criança começa a demonstrar uma carência de mais detalhes e diz que esqueceu do restante da história. Aqui, vemos também, a utilização do argumento pragmático de causa e de efeito; a causa do pedido de pegar o papel é o esquecimento, e o efeito seria uma nova retomada da história, agora com mais detalhes. Também é notória a preocupação dessa criança em recontar fielmente a lenda contada em sala.

Além disso, percebe-se também nos trechos destacados acima, a preocupação do orador/contador com o auditório de forma a buscar uma espécie de comunhão com ele fazendo-o participar ativamente de sua exposição, solicitando-lhe ajuda, pedindo autorização para acrescentar algum elemento diferente na história por meio de perguntas que, em alguns casos funcionam como figuras de comunhão.

É importante também perceber que ele usa no fim o *“Foram felizes para sempre”* corriqueiro nos contos de fadas, assim como também inicia com o *“era uma vez”*. Esse recurso utilizado pela criança pode ser visto como um recurso de presença, pois, ele utiliza aspectos linguísticos e estruturais, característicos de uma construção narrativa já bastante conhecida e aceita universalmente por seu auditório, a dos contos de fadas que se iniciam e finalizam com esses termos.

Reconto 2.

Aluno AB: Vim nesse dia não..... hummmmmmm. Num vim nesse dia não como éééé, eu num vim tia, eu num vim, no dia.

Mediador: quem eram os personagens da história?

Aluno AB: Jabulani e o leão só que eu não vim cê que disse.

Mediador: E o que aconteceu com Jabulani?

Aluno AB: Era assim jabulani ro era um menino ai o menino...tava andando no mato, ai encontrou o leão preso, aí soltou o leão, aí disse bora fazer um acordo, aí ele disse aí disse bora; eu te solto aí você não me come, aí aí passou um bocado de tempo, aí ele di aí ele ficou com fome aí queria comer o menino, aí o menino aí veio um burro aí o burro disse não num come ele n .. aí a aí ele queria comer ele, aí ele pegou ele, e botou onde ele tava aí o ca veio a armadilha, e pegou o leãoo aí aí nós num sabia que era, eera o ou ele ia comer ele ou ele ia deixar o burro comer ele ou o burro o burro não ia deixar ai o burro não deixou comer ele ai o menino botou ele onde ele tava, lá no mato preso que o caçador botou armadilha, e pegou a ele aí ele veio pegar... ele agora o resto num sei não.

Mediador: o que que aconteceu com o leão?

O leão ficou muito muito muito dias lá onde ele stava muito muito, aí aí jabulani aí jabulani soltou ele soltou soltou aí ele veio pegar de novo e prendeu ..aí deixou preso deixou preso.

Mediador: Pronto?

.....

Inicialmente, podemos ver que ao ser solicitado para que nos fizesse o relato de uma história já ouvida, o aluno usa o argumento pragmático de causa e efeito, pois ele condiciona o ato de não contar a história ao fato de não ter ido no dia em que a mesma foi contada como forma de convencimento de que não sabia da história, ou apenas por sentir vergonha de contar-nos. É um relato breve, e em virtude dessa brevidade alguns fatos importantes são esquecidos, porém, a ausência de tais, não compromete o sentido central da história permitindo, contudo, que o leitor consiga ter noção do enredo da narrativa.

Durante o relato o aluno continua com o argumento que funciona também como incompatibilidade ao dizer que não não esteve no dia, que a desconhece, vemos também que inicia sua narrativa quando o mediador do relato lhe faz a primeira pergunta, pergunta esta direta, cujo objetivo é que o aluno sem rodeios lhe diga quais os principais personagens da história. Temos aqui um exemplo do que Perelman e Tyteca (2006) denominam de figura de comunhão, cujo recurso é observado quando o orador volta a atenção para a participação do auditório na sua exposição.

Em todo o relato do aluno, não percebemos outro recurso de presença para fazer sua própria narrativa, tais como, personagens novos ou diferentes da história original que foi contada em sala. Não traz fatos novos, porém, em certos

momentos ele faz uma confusão entre o diálogo do burro e do leão, e ainda do desenrolar de toda a história, como ilustrado acima. Apesar de ter esquecido alguns personagens, citando apenas um, além de Jabulani e o leão, o aluno consegue manter sentido nas poucas passagens da história por ele lembrada e acaba se assumindo enquanto leitor curioso diante do suspense da história quanto ao desfecho de o menino ser comido ou não pelo leão, caso fosse consentido pelo burro.

Além disso, o informante recusa-se inicialmente a recontar a história solicitada, negando repetidamente ter ido a aula no dia da contação da lenda, o que inviabilizaria o relato, apoiando-se no argumento pragmático de causa e efeito. Diante disso, o auditório representado pelo mediador instiga-o com perguntas sobre os personagens da história a que o informante responde e em seguida reafirma não saber dizendo ter sido o mediador quem falou recorrendo ao argumento da retorção, utilizando o argumento do próprio mediador/orador. O aluno usou estes tipos de argumentos, pragmático e de retorção, como tentativa de convencer o mediador de não fazê-lo contar, no entanto, percebemos aí o papel do mediador ao instigar com uma questão sobre o enredo e a posterior resposta contação do informante.

4. Conclusão

Em suma, com base no que vimos até aqui, dizemos que, de acordo com a articulação de nossos discursos, podemos ganhar a confiança de nosso auditório, seja ele universal, ou particular. Para tanto, em nosso discurso, recorreremos a argumentos no sentido de conseguir maior aceitação da tese defendida. Além disso, observa-se o poder concedido ao discurso mediante aspectos da argumentação como os recursos de presença que servem para ilustrar, em alguns casos, o que dizemos, e assim, o discurso adquire mais aceitabilidade. É o que foi possível observar em dados da oralidade de crianças em recontos.

Assim é relevante dizer que a argumentação esteve presente nos recontos analisados, pois, as crianças também se identificam como sujeitos que dela dependem, sobretudo, quando usam algumas técnicas e argumentos que visam, por exemplo, uma não realização da tarefa solicitada. Em outros casos, os alunos se utilizam de argumentos como argumento da incompatibilidade, da retorsão e argumento pragmático. Os recursos de presença utilizados pelos informantes dizem respeito à presença de novos personagens, suspenses enquanto recontam e elementos estruturais já conhecidos dos contos de fadas para iniciar e finalizar a história. Assim sendo, esse trabalho permitiu ver que a



argumentação está presente em toda e qualquer situação e ambiente, até mesmo nas séries iniciais. O estudo com os recontos nos mostrou como a argumentação perpassa a construção de sentidos na oralidade de crianças em processo de alfabetização e, ainda, importância da mediação, ou seja, o diálogo com o orador, no processo de ensino aprendizagem.

Referências

ABREU, A. S. **A arte de argumentar: gerenciando razão e emoção.** 7. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2006.

BELINTANE, Claudemir. **Oralidade e alfabetização: uma nova abordagem da alfabetização e do letramento.** São Paulo: Cortez, 2013.

BELINTANE, C. **Leitura e alfabetização no Brasil: uma busca para além da polarização.** Educação e Pesquisa, maio-agosto, v.32, n.02. São Paulo, 2006.

CHAGAS, H. das C. A. **A argumentação na comunicação informativa.** Disponível em: <<http://www.filologia.org.br/ixsenefil/anais/01.htm>>

ORLANDI, Eni P. **Introdução às ciências da linguagem: Discurso e textualidade/Suzi Lagazzi- Rodrigues e Eni P Orlandi (Orgs.) – Pontes Editores, 2006: Campinas, SP.**

PERELMAN, C. e TYTECA-OLBRECHT, L. 5. ed. **Tratado da argumentação: A nova retórica.** São Paulo: Martins Fontes.1996.

PERELMAN, C. e OLBRECHTS-TYTECA, Lucie. **Tratado da Argumentação: A Nova Retórica.** Trad. MariaErmantina de A. P. Galvão. São Paulo: Martins Fontes, 2005 [1958].

REBOUL, Oliver. **Introdução à retórica.** tradução: Ivone Castilho. São Paulo: Martins Fontes, 2004.